



O “estranho” freudismo autodeclarado de Lacan em Caracas: Lacan, apenas um comentador de Freud

Janderson Andrade Rodrigues

Orcid: [0000-0003-2310-3312](https://orcid.org/0000-0003-2310-3312)

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria / UFSM (Rio Grande do Sul, Brasil)
Especialista em Psicanálise: Técnica e Teoria pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS (Rio Grande do Sul, Brasil)

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS (Rio Grande do Sul, Brasil)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: jandersonrodrigues@hotmail.com

Resumo: Buscou-se, neste artigo, questionar o freudismo autodeclarado de Lacan na *Conferência de Caracas* com base na identificação de um equívoco de transcrição. Demonstrou-se que, por estar em total desconformidade com o que foi desenvolvido nesta ocasião, esse equívoco de transcrição não faz outra coisa além de evidenciar, ao invés de esconder, a oposição de Lacan a Freud, manifesta nos adjetivos jocosos atribuídos por Lacan à segunda tópica freudiana, legado de Freud que Lacan não compartilha. Demonstrou-se que a filiação de Lacan a Freud faz parte de um projeto rigoroso de revisão crítica por meio do qual Lacan submete os conceitos e articulações propostos por Freud ao que chamou, em 1954, de “método dos comentários”, relativo a uma recusa inicial de compreender as formulações freudianas, pela qual, segundo Lacan, empurra-se a porta da compreensão analítica. Por essa razão, propomos, neste trabalho, que Lacan não recusaria a alcunha de ser “apenas” um comentador de Freud. Ao final, o que ficará evidente não é propriamente o tipo de freudismo reivindicado por Lacan, mas aquele que é negado por ele, que, por sua vez, é denegado pela edição da “Conferência de Caracas” analisada neste trabalho.

Palavras-chave: Freudismo de Lacan; Conferência de Caracas; Método dos comentários.

L’« étrange » freudisme autoproclamé de Lacan à Caracas : Lacan, un simple commentateur de Freud

: Cet article cherche à interroger le freudisme autoproclamé de Lacan dans la « Conférence de Caracas » à partir de l'identification d'une erreur dans la transcription du colloque. On y démontre qu'étant en total désaccord avec ce qui se développait à cette occasion, cette erreur de transcription ne fait que souligner, plutôt que masquer, l'opposition de Lacan à Freud, manifestée par les adjectifs moqueurs attribués par Lacan à la deuxième topique freudienne, héritage de Freud que Lacan ne partage pas. Ainsi, est démontré également que l'affiliation de Lacan à Freud s'inscrit dans un projet rigoureux de révision critique à travers lequel Lacan soumet les concepts et articulations proposés par Freud à ce qu'il a appelé, en 1954, la « méthode des commentaires », concernant un refus initial de comprendre les formulations freudiennes, par lesquelles, selon Lacan, la porte de la compréhension analytique est poussée. Pour cette raison, nous proposons, dans cet ouvrage, que Lacan ne refuserait pas l'épithète de n'être « qu' » un commentateur de Freud. À la fin, ce qui deviendra évident, n'est pas exactement le type de freudisme revendiqué par Lacan, mais celui qui est nié par lui, ce qui, à son tour, est nié par l'édition de la *Conférence de Caracas* analysée dans cet ouvrage.

Mots-clés : Freudisme de Lacan; Conférence de Caracas; Méthode des commentaires.

The “strange” Lacan’s self-declared Freudism in Caracas: Lacan, only a commentator on Freud: This article seeks to question Lacan’s self-declared Freudism in the “Caracas Conference” based on the identification of a mistake in the transcription of that lecture. It was shown that, as it was in total disagreement with what was developed on that occasion, this mistaken transcription does nothing more than highlight, rather than hide Lacan’s opposition to Freud, manifested in the jocular adjectives attributed by him to the second Freudian topic, a legacy of Freud that Lacan does not share. It was demonstrated that Lacan’s affiliation with Freud is part of a rigorous project of critical review through which Lacan submits the concepts and articulations proposed by Freud to what he called, in 1954, the “method of comments”, relating to a first refusal to understand Freud’s formulations, which, according to Lacan, pushes the door to analytical understanding. Hence, we propose in this work, that Lacan would not refuse the epithet of being “only” a commentator on Freud. In the end, what will become clear is not exactly the type of Freudism claimed by Lacan, but that which is denied by him, which, in turn, is denied by the edition of the *Caracas Conference* analyzed in this work.

Keywords: Lacan’s Freudism; Caracas Conference; Method of comments.

O “estranho” freudismo autodeclarado de Lacan em Caracas: Lacan, apenas um comentador de Freud

Janderson Andrade Rodrigues

Introdução

Perguntado a respeito da ausência de referências às formulações de Lacan nos trabalhos de Foucault, visto este ter frequentado em algumas ocasiões os seminários daquele, Joel Birman (2020)¹ disse-nos que apenas muito recentemente – portanto, por volta de 40 anos após a morte de Lacan – está-se levando em consideração o trabalho do psicanalista francês como não sendo, tão somente, um comentador de Freud. Dessa forma, poderíamos perguntar: teria sido Lacan apenas um comentador de Freud? Ou, antes disso, o que significaria propriamente ser um comentador?

Com base nessas questões, procuraremos interrogar a natureza do freudismo autodeclarado de Lacan presente na *Conferência de Caracas*, durante a abertura de um evento dedicado ao seu ensino e ocorrido na Venezuela no dia 12 de julho de 1980. Uma fala que durou menos de meia hora e cuja transcrição ocupa apenas três páginas de um texto que está disponível no site *Staferla*², o qual utilizaremos como referência neste trabalho.

Nessa ocasião, Lacan diz que foi à Caracas antes de lançar sua “Causa Freudiana”. Logo após, teria convocado os ali presentes para que atestassem que ele não se desprendia do adjetivo “freudiano” e teria complementado dizendo, imediatamente a seguir e endereçando-se ao público, que se eles quisessem ser lacanianos, então que o fossem, contudo, ele, Lacan, era freudiano. Em função do que, logo em seguida, Lacan teria dito que seria oportuno à ocasião dedicar algumas palavras acerca do debate que mantém com Freud desde há algum tempo.

A ênfase no adjetivo “freudiano”, nessa passagem da *Conferência de Caracas*, que detalharemos melhor na sequência, dá-nos a nítida impressão de que o que virá logo em seguida, acerca desse antigo debate que Lacan sustenta com Freud, estará ligado às razões pelas quais Lacan se atém a esse adjetivo de tal forma que o preserva insistentemente ao longo dos anos, bem como o mantém no seu novo projeto que está prestes a lançar. Em outros termos, faz-nos imaginar que o que será tratado nessa conferência consiste nas razões que o fazem alinhado a Freud por tanto tempo, inclusive, a tal grau que o enfatiza, convocando o público dessa conferência, para que testemunhem o símbolo de sua fidelidade ao Pai da Psicanálise: o adjetivo ali preservado no seu novo projeto, o do causa dita freudiana.

No entanto, o que se verá na sequência é exatamente o contrário, pois Lacan não tomará a via sugerida por essa transcrição da *Conferência de Caracas*, qual seja: a que justificaria sua ênfase no adjetivo “freudiano”. Buscaremos demonstrar que sua filiação a Freud faz parte de um projeto rigoroso de revisão crítica – quiçá subversivo – por meio do qual Lacan (1953-1954/2009) submete os conceitos e articulações propostos por Freud ao que chamou de “método dos comentários”. Por essa razão, propomos neste trabalho que Lacan não recusaria a alcunha de “ser apenas um comentador de Freud”, todavia, não o seria na sua acepção coloquial.

Soma-se a isso, aliás, o fato de Lacan não ter dito o que disseram que ele disse na *Conferência de Caracas*. Inclusive e especialmente, a respeito da ênfase no adjetivo “freudiano”.

A (in)fidelidade de Lacan a Freud

Segundo Birman (2020)¹, embora tenha frequentado os seminários de Lacan, as menções de Foucault à psicanálise eram frequentemente reportadas a Freud, pois não se reconhecia nas elaborações lacanianas aspectos autoriais que as colocassem senão em uma linha de continuidade com as de Freud, sugerindo, por consequência, um certo paralelismo entre os trabalhos de ambos os autores. Isto é, do conjunto de seminários, escritos, entrevistas e conferências de Lacan se depreenderia, ao fim e ao cabo, o que Freud já havia dito ou uma continuação das formulações freudianas. Dessa forma, embora pudessem apresentar alguns termos diferentes, bem como distintos referenciais teóricos que serviram para embasarem ambos os autores, caso se procurasse bem, certamente se encontraria em cada conceito ou formulação de Freud o seu parceiro correspondente, do outro lado desse paralelismo, nos desenvolvimentos de Lacan. Em outros termos, em Lacan encontraríamos o desenvolvimento ou o aprimoramento das ideias freudianas, mas nunca um rompimento ou uma divergência flagrante entre as formulações de um e outro.

Para todos os efeitos, não se trata aqui neste trabalho do quanto de Lacan ou Freud encontram-se nas referências de Foucault à psicanálise, mas de questionarmos a correspondência que normalmente fazemos, quase que de forma espontânea – para não dizer inconsciente –, entre as formulações de ambos os psicanalistas. Paralelismo esse que colocaremos em questão justamente numa ocasião específica em que Lacan teria afirmado, peremptoriamente, seu freudismo: a derradeira *Conferência de Caracas*.

A resposta de Birman (2020)¹ de que apenas muito recentemente – portanto, em torno de 40 anos após sua morte – está-se levando em consideração o trabalho do psicanalista francês como não sendo, tão somente, um comentador de Freud não poderia ser mais intrigante do que o diagnóstico que ela própria aventa, a saber: que poderia haver um Lacan não propriamente freudiano e que, sob determinados aspectos, até mesmo, “infiel” a Freud. Isso seria oposto, inclusive, ao que o próprio Lacan teria feito questão de acentuar, por exemplo, ao se dizer freudiano na *Conferência de Caracas*. Bem como, sobretudo, sugeriria um Lacan ainda inexplorado pela pesquisa psicanalítica.

Mas, afinal, o que significaria essa fidelidade das elaborações lacanianas às de Freud? Corriqueiramente, tendemos a tomar essa fidelidade entre os dois no sentido virtuoso do termo, quando não a empregamos como argumento de autoridade. Porém, ao partirmos da premissa pretensamente elogiosa da fidelidade de Lacan a Freud, talvez estejamos privando a psicanálise e a nós mesmos enquanto pesquisadores de usufruirmos do que há em Lacan que não necessariamente corresponde a uma continuação do legado de Freud, porque descontínuo em relação ao seu predecessor. Com isso, não nos referimos à presença de algo necessariamente “inovador” ou mais “avançado” nas teorizações lacanianas em relação às formulações freudianas, mas simplesmente da ocorrência de diferenças em

virtude de aspectos que não apenas são relativos a ambos pertencerem a épocas e contextos distintos, mas, no rol dessas distinções, por possuírem diferenças epistemológicas inegáveis e irreconciliáveis entre um e outro.

Como nos diz Goldenberg (2019) acerca da leitura lacaniana (*là où c'était, je dois advenir*) da máxima freudiana *Wo Es war, soll Ich werden* e, hiperbolicamente falando, "dos seis e vinte modos diferentes de Lacan traduzi-la" (p. 24):

Poderíamos supor que [Lacan] procura a versão mais fiel ao mestre [Freud], ao passo que deveríamos perceber que está confiscando-lhe a expressão para melhor afetar o francês que fala. [...] O problema é que ao comer Freud, Lacan não apenas o assimila, ele mesmo se transforma. Quero dizer que traduzir Freud, criticar-lhe o conceito e elaborar o próprio são um só e único movimento. (Goldenberg, 2019, p. 24).

Com isso em vista, de que Lacan confisca as formulações freudianas a fim de transformá-las e não apenas com o intuito de encontrar a versão que seria mais fiel ao pensamento de Freud, ressaltamos que o mérito da resposta à questão sobre a ausência de alusões ao ensino de Lacan nos trabalhos de Foucault foi o de nos dizer algo que é bastante evidente, embora, muitas vezes, esquecido. Isto é, que a lealdade (enquanto sinônima de "fidelidade") a Freud não faz, necessariamente, do trabalho de Lacan uma versão meramente mais sofisticada do trabalho de Freud, porque, por exemplo, atualizado em uma terminologia "mais contemporânea" à época. Talvez a pergunta mais pertinente seja um pouco mais sutil e complicada de responder: em que medida o trabalho de Lacan pode ser considerado uma revisão dos trabalhos freudianos a ponto de incluir uma abordagem original da própria psicanálise? Não apenas por consequência de suas construções presumida e genialmente autorais, mas em virtude, principalmente, de suas importações para a psicanálise de conceitos e articulações de outros campos, como, por exemplo, o da antropologia e o da linguística estruturalistas?

Com a finalidade de avançarmos um pouco sobre essas questões, tensionaremos o tipo de freudismo reivindicado por Lacan na *Conferência de Caracas*. Ao final, o que ficará evidente não é o tipo de freudismo reivindicado por Lacan, mas aquele que é negado por ele, que, por sua vez, é denegado pela edição da *Staferla* dessa conferência.

O "estranho" freudismo autodeclarado de Lacan em Caracas

Na transcrição realizada pelo site *Staferla* da *Conferência de Caracas*, que Lacan proferiu no ano de 1980, constatamos inserções de trechos e modificações em relação àquilo que escutamos do que Lacan houvera dito nessa ocasião. Um trecho em específico chamou-nos a atenção, pois consideramos o sentido daquilo que se transcreveu do que Lacan disse estava em total desconformidade com aquilo que pudemos constatar ao escutarmos o áudio dessa conferência. No entanto, esse descompasso entre versões (a nossa versão *versus* a versão dos "outros") não se sustenta, única e

principalmente, no plano do que se ouviu acerca desse trecho em específico. Mas, primariamente, repousa sobre aquilo que foi desenvolvido nessa ocasião como um todo. Portanto, é em relação à ideia central do que foi desenvolvido por Lacan nessa ocasião, aquilo em relação ao que este trecho antagoniza frontalmente tal como está transcrito em *Staferla*.

Pois bem, nessa conferência proferida na Venezuela, não escutamos Lacan dizer o seguinte, tal como encontramos transcrito em *Staferla* (versão 1):

Venho aqui antes de lançar minha "Causa freudiana". Como veem, eu mantenho esse adjetivo. Sejam vocês lacanianos, se querem. Eu sou freudiano. Por isso creio ser bem-vindo dizer-lhes algumas palavras do debate que sustento com Freud, e que não é de hoje. (Lacan, 1979-1980, p. 22).³

Mas, sim, escutamo-lo dizer isto (versão 2):

Venho aqui antes de lançar minha "Causa freudiana". Eu, eu sou freudiano. Por isso creio ser bem-vindo dizer-lhes algumas palavras do debate que sustento com Freud, e que não é de hoje. Eu vou lhes resumir [o] caso. (Lacan, 1980, min. 4:43-5:29).³

Na versão 1 desse trecho da *Conferência de Caraca*, claramente a ênfase do parágrafo recai sobre um "adjetivo". Não obstante, esse não é um adjetivo qualquer, mas sim, o adjetivo "freudiano", destacado quando Lacan fala da "minha 'Causa freudiana'" e sobre ele mesmo ser "freudiano", porém, não sem entre essas duas afirmações solicitar que percebam que ele, Lacan, mantém esse adjetivo no novo projeto que está prestes a lançar.

Tão importante quanto o que foi dito até agora acerca da versão 1, é assinalarmos que essa ênfase no adjetivo "freudiano" ocorre em detrimento de um outro termo que também é um adjetivo, o "lacaniano". Dessa forma, podemos depreender que, do acento conferido ao adjetivo "freudiano" em detrimento do adjetivo "lacaniano", ser freudiano é o "bom caminho", em oposição ao de ser lacaniano – já que o próprio se diz freudiano –, que, por sua vez, seria o "mal caminho" ou o descaminho e, portanto, uma direção reprovada ou, ao menos, desaconselhada pelo Mestre (Hernández, 2020).

Assim sendo, a ênfase no adjetivo "freudiano" nos dá a nítida impressão de que o que virá logo em seguida, acerca desse antigo debate que Lacan mantém com Freud, estará ligado às razões pelas quais Lacan se atém a esse adjetivo de tal forma que o preserva insistentemente ao longo dos anos. Ou seja, faz-nos subsumir que o que será tratado nessa conferência consiste nas razões que o fazem alinhado a Freud por todo esse tempo, inclusive, a tal grau que enfatiza o adjetivo "freudiano" e, ainda por cima, convoca o público dessa conferência para que atestem o símbolo de sua fidelidade ao Pai da Psicanálise: o adjetivo ali preservado no seu novo projeto, o da causa dita freudiana.

Pois bem, com base na versão 2, sim, Lacan disse que era freudiano. Porém, em nenhum

momento, escutam-no dizer: "Como veem, eu mantenho esse adjetivo. Sejam vocês lacanianos, se querem." (Lacan, 1979-1980, p. 22). Ademais, nesse trecho da versão 2, a ênfase recai sobre o substantivo "debate" e não no adjetivo "freudiano" (Hernández, 2020).

Em outros termos, a respeito do adjetivo "freudiano" e pautando-nos na versão 2, o que Lacan disse é que, sim, ele é freudiano; até porque, afinal de contas, Lacan poderia ser lacaniano? Entretanto, Lacan (1) não fez a observação para que percebessem que ele matinha o adjetivo "freudiano", embora alguém pudesse pensar, acertadamente: "Vejam, Lacan mantém o adjetivo freudiano no seu novo projeto!"; (2) não falou para os ali presentes que, se quisessem, fossem lacanianos – embora ele, Lacan, fosse "freudiano" –, em que pese alguém pudesse pensar, acertadamente: "Vejam, Lacan mantém o adjetivo freudiano no seu novo projeto e afirmou, na sequência, que é freudiano!"; e, por fim, (3) o acento recai sobre o substantivo "debate" e não no adjetivo "freudiano". Ou seja, pautando-nos na versão 2, é por se dizer freudiano que é bem-vindo à ocasião que ele dedique algumas palavras acerca do debate que ele mantém com Freud, ao qual Lacan se ocupará, durante toda essa conferência, de resumi-lo.

Como saberemos qual é a versão "correta"? Perguntando-nos o que Lacan fez na sequência.

O que observamos, como um todo, tanto na transcrição de *Staferla* (versão 1) quanto na nossa escuta dessa conferência (versão 2), é fundamentalmente isto: Lacan advogando em nome próprio, a favor de suas formulações e em detrimento das de Freud, destacando, às vezes de maneira sarcástica ou jocosa ao se referir às elaborações freudianas, as diferenças entre ambas formulações.

Podemos observar que, logo na sequência dessa passagem de que falamos, Lacan toma a via oposta a que a versão 1 nos sugere em virtude da sua ênfase no adjetivo "freudiano". Isso uma vez que, prontamente ao se declarar freudiano, Lacan diz que os "seus três" não são equivalentes aos três de Freud (Eu, Isso e Supereu). Os "seus três", os de Lacan, "são o real, o simbólico e o imaginário", os quais ele veio a situar numa topologia, a do nó borromeu, que, por sua vez, "põe em evidência a função do ao-menos-três. Este que é o que enoda os dois outros desenodados" (Lacan, 1979-1980, p. 22).³

Explica-nos Lacan, que foi isso o que ele legou àqueles que se endereçava em seu ensino em Paris para que soubessem se orientar em suas práticas. Legado esse que é o seu, de Lacan, para os psicanalistas aos quais se dirigia, em contraste com "os três" de Freud, que correspondem ao que esse último legou aos seus discípulos (o Eu, o Isso e o Supereu).

Logo em seguida, questiona se, por acaso, esses aos quais se endereçava em seu ensino não se orientariam melhor com a segunda tópica legada por Freud. No entanto, a respeito da segunda tópica freudiana, de acordo com Lacan, dever-se-ia dizer o seguinte: "o que Freud esboçou de sua tópica, dita segunda, não está isenta de embaraço [*maladresse*]" (Lacan, 1979-1980, p. 22).³ O esquema utilizado por Freud para ilustrar pictoriamente sua segunda tópica, ao qual Lacan se referiu e continuará aludindo nas suas críticas a essa formulação freudiana é o ilustrado abaixo, presente em "O Eu e o Id" (Freud, 1923).

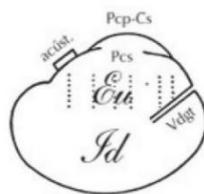


Figura 1. Esquema freudiano da segunda tópica.

Fonte: De "O Eu e o Id" de S. Freud, 1923-2011, p. 22 *Obras Completas: O Eu e o Id "autobiografia e outros textos (1923-1925), p. 22.*

Lacan, aparentemente, abona Freud por esse esquema, que qualificou como desajeitado ou maljeitoso, ao justificar que Freud precisou esboçá-lo dessa forma como consequência dos limites da sua época para que o entendessem. Insinua, logo a seguir, a possibilidade de uma aproximação entre o "seu nó" e a segunda tópica ilustrada por Freud acima. Inclusive, aventa tirar algum proveito do esboço de Freud em favor de seu nó. Põe-se, então, a analisar o desenho freudiano, chamando-o de "saco flácido" ou "saco mole" [*sac flasque*]. (Lacan, 1979-1980, p. 23).

Com base nesta figura, segundo Lacan, o "saco mole" é considerado como ligado ao Isso [*Ça*], no qual, por sua vez, estaria o continente das pulsões. Contudo, qualifica a ideia assim esboçada como "bizarra" ou "absurda" [*saugrenue*], só explicada se considerássemos as pulsões como bolinhas que são expulsas do corpo uma vez que tivessem sido ingeridas. Prossegue sua análise dizendo o seguinte:

Sobre isso se espeta um Ego, no qual o pontilhado das colunas parece preparado para ser contado. Porém, não deixa de ser *embaraçoso* [grifo nosso] que o mesmo se coroe com um *bizarro* [grifo nosso] olho perceptivo, onde para muitos se lê também a mancha germinal de um embrião sobre o vitelo (Lacan, 1979-1980, p. 23).³

Lacan não encerra aí suas críticas (zombaria?) ao modelo esboçado por Freud. Adverte que sua análise não está terminada, a nosso ver, dirigindo-se àqueles que possam achar que ele está passando um pouco dos limites maculando, jocosamente, o esquema legado por Freud aos seus discípulos: "Isso ainda não é tudo. A *caixa registradora* [grifo nosso] de algum aparelho à Marey⁴ está aqui como complemento. Isso nos diz muito sobre a dificuldade da referência ao real" (Lacan, 1979-1980, p. 23).³

Daí, então, diz o seguinte:

Por fim, duas barras cortam da sua junção a relação desse conjunto barroco com o próprio *saco de bolas* [grifo nosso]. Eis aí o que é designado como recalcado. Isso é *desconcertante* [grifo nosso]. Digamos que não foi o que Freud fez de melhor. Devemos mesmo admitir que não favorece a pertinência do pensamento que pretende traduzir. Que contraste com a definição que Freud dá das pulsões, como vinculadas a orifícios do corpo. Uma fórmula luminosa que impõe outra figuração que essa garrafa. Seja qual for a rolha. (Lacan, 1979-1980, p. 23).³

Observemos, a seguir, como Lacan defende a pertinência de suas formulações em detrimento das “desjeitosas” elaborações de Freud, que, por sua vez, não favorecem a expressão da ideia que Lacan entende estar em jogo: “Não será, antes, como já me ocorreu dizer, uma garrafa de Klein, sem dentro nem fora? Ou ainda, simplesmente, por que não o toro?” (Lacan, 1979-1980, p. 23).³



Figura 2. Garrafa de Klein

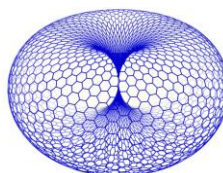


Figura 3. Toro

Fonte: De “Caracas” de J. Lacan, 1979-1980, *Séminaire 27: Dissolution*, p. 23.

Na sequência, no entanto, Lacan se diz contente que o silêncio atribuído ao Isso supõe, ao menos, o “palavrório” [*parlotte*], por meio da orelha, que, por seu turno, ali representada no esquema freudiano, está esperando o “palavrório” do “desejo indestrutível” que nela deve se traduzir” (Lacan, 1979-1980, p. 23)³. Conclui, ainda assim, que é “desnorteante [*déroutante*] a figura freudiana vacilar dessa forma *do próprio campo*, o *simbólico que ausculta* [grifo nosso]” (Lacan, 1980a, p. 03, 1980b, min. 15:30-15:56)^{5, 6}. Ressalta, não obstante, que “esse empastelamento [*brouillage*] não impediu Freud de retornar às indicações mais notáveis sobre a prática analítica, em especial, suas construções” (Lacan, 1979-1980, p. 23).³

Após uma breve digressão sobre o quadro de Bramantino, volta ao tema das dificuldades que identifica na segunda tópica de Freud acerca da referência ao real, mais especificamente no embaraçoso esquema do “saco mole”. Encaminha suas considerações sobre o debate que manteve com Freud ao longo dos anos desta forma:

Mas o que fica é que, com isso, eu me situo, acredito que melhor do que Freud, no Real interessado no que diz respeito ao inconsciente. Pois o gozo do corpo faz obstáculo contra o inconsciente. Daí os meus matemas, que decorrem de que o simbólico acompanhe o lugar do Outro, mas que não haja Outro do Outro. (Lacan, 1979-1980, p. 24).³

Logo em seguida, diz o seguinte sobre a pulsão ou o instinto de morte [*l’instinct de mort*]: “Essa é uma ideia de Freud. É uma ideia genial. Isso quer dizer também que é uma ideia grotesca.” (Lacan, 1979-1980, p. 24).³ Ao que conclui, dizendo algo que, aparentemente, poderia soar como abonador a Freud, mesmo que tenha qualificado a definição do conceito de pulsão de morte, tal como Freud o concebeu, como uma “ideia delirante”:

Freud tem a ideia de que o instinto de morte se explica pelo deslocamento ao mais baixo limiar tolerado pelo corpo. É isso o que Freud nomeia de um além do princípio do prazer – isto é, do prazer do corpo. Deve-se se dizer que esse é um indício de um pensamento mais delirante do que qualquer outro que eu já tenha partilhado. Porque, claro, eu não lhes digo tudo [*pas tout*]. Esse é o meu mérito. (Lacan, 1979-1980, p. 24).³

Lacan, apenas um comentador de Freud: comentar um texto é como fazer uma análise

Poder-se-ia objetar que foi apenas tardiamente que Lacan se dedicou a contrapor-se a Freud, reivindicando com isso uma posição autoral no campo psicanalítico. Isso porque a *Conferência de Caracas* data de 12 de julho de 1980, cerca de um ano antes de sua morte.

No entanto, Zafiropoulos (2002) nos lembra que, entre as décadas de 30 e 50, havia uma dissidência declarada de Lacan em relação a Freud, em que aquele, sob influência da sociologia de Durkheim, discordava deste a propósito de princípios básicos da teoria freudiana, como, por exemplo, quando Lacan posicionava-se a favor do caráter circunstancial – histórico-social – da função paterna. Será, no entanto, assim como destaca Zafiropoulos (2018), só a partir da década de 50 com o surgimento da antropologia estruturalista – mais especificamente com Lévi-Strauss –, que Lacan se realinhará ao pai da psicanálise através de seu propagado “retorno a Freud”. Como destaca Zafiropoulos (2018), esse realinhamento, no entanto, não é anódino, pois, ao fazê-lo, Lacan convoca uma (re)volta aos textos freudianos, os quais submeterá ao “método dos comentários”, como bem nos lembra Zafiropoulos (2018), sobre o qual Lacan diz o seguinte no início do encontro do dia 24 de fevereiro de 1954:

As ideias miúdas que eu vou discutir hoje estavam anunciadas com o título *A Tópica do Imaginário*. Um assunto como esse seria suficientemente considerável para ocupar muitos anos de ensino, mas, posto que *certas questões concernentes ao lugar do imaginário na estrutura simbólica estão no fio do nosso discurso* [grifo nosso], a conversa de hoje pode reivindicar esse título. Isso não vai sem *um plano preconcebido* [grifo nosso], de que eu espero que o conjunto lhes manifestará *o rigor* [grifo nosso], que eu lhes trouxe da última vez a propósito de um caso particularmente significativo, porque mostra de maneira reduzida *o jogo recíproco dos três grandes termos* [grifo nosso] que já tivemos ocasião de mencionar – *o imaginário, o simbólico e o real* [grifo nosso]. Sem esses *três sistemas de referência* [grifo nosso], não é possível compreender [grifo nosso] a técnica e a experiência freudianas. *Muitas dificuldades se justificam e se esclarecem* [grifo nosso] quando para aí se trazem essas distinções. (Lacan, 1953-1954/2009, p. 101).

Essa passagem localiza em 1954 elementos importantes do que tratamos na derradeira *Conferência de Caracas*, que, como se pode perceber, manteve preceitos básicos do debate de Lacan com os textos freudianos. Esses preceitos básicos são os mesmos que vimos em 1980 na *Conferência de Caracas* serem destacados por Lacan como pertencentes ao seu legado em contraponto ao espólio freudiano: “o jogo recíproco dos três grandes termos [...] – o imaginário, o simbólico e o real.” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 101).

Embora possamos considerar que, entre 1954 e 1980, Lacan tenha privilegiado ou enfatizado um ou outro registro no seu ensino e tenha feito avanços teóricos importantes, o mais importante quanto aos “seus três” e que permanece ao longo desse período não diz respeito a cada um desses registros separadamente. Mas, sobretudo, refere-se ao princípio pelo qual cada um de “seus três” encontra-se, inseparavelmente, num jogo recíproco de influência com os demais. Em outros termos, por mais que Lacan aborde um registro, enfatizando-o em detrimento de outro numa ou noutra ocasião de seu ensino e dos avanços teóricos ocorridos ao longo dos anos, os “seus três”, como foi apresentado na *Conferência de Caracas* para se distinguir dos “três de Freud”, constituem um preceito básico da sua abordagem da obra freudiana desde 1954, pelos quais “muitas dificuldades se justificam e se esclarecem” (Lacan, 1953-1954, p. 101). Ou seja, o de nunca podermos subsumi-los ou desconsiderar a interferência recíproca existentes entre eles, o que explica a referência ao nó borromeu para colocar em evidência a função do ao-menos-três, ou do no-mínimo-três, como vimos na *Conferência de Caracas*, como ponto chave da sua dissidência a Freud relativa à segunda tópica.

Por sua vez, podemos dizer que o ato de estabelecer os “seus três” dentro de uma relação de interferência recíproca faz parte de um projeto que Lacan concebeu, portanto, de forma antecipada e rigorosamente, sem o qual não é possível, segundo ele, compreender a técnica e a experiência freudiana. Como veremos a seguir, esse jogo recíproco entre os “seus três” é resultado de uma ênfase na incompreensão do texto freudiano, derivada do que Lacan chamou de “método dos comentários”, pelo qual Lacan recusa a compreensão desses textos, bem como o assimila ao que se faz numa análise.

O que conta, quando se tenta elaborar uma experiência, *não é tanto o que se compreende quanto o que não se compreende* [grifo nosso]. O mérito da exposição da Srta. Gélinier é precisamente ter valorizado *o que, nesse texto, não se compreende* [grifo nosso]. É nisso que *o método dos comentários* [grifo nosso] se revela *fecundo*. *Comentar um texto é como fazer uma análise* [grifo nosso]. Quantas vezes não fiz observar àqueles que controlo, quando me dizem – *Acredito ter compreendido que ele queria dizer isto, e aquilo* [grifo do autor] – *uma das coisas que mais devemos evitar é compreender muito, compreender mais do que existe no discurso* [grifo nosso] do sujeito. *Interpretar e imaginar que se compreende, não é de modo algum a mesma coisa. É exatamente o contrário* [grifo nosso]. Eu diria mesmo que é na base de uma certa *recusa de compreensão* [grifo nosso] que empurramos a porta da *compreensão*

analítica [grifo nosso]. (Lacan, 1953-1954/2009, pp. 101-102).

Com isso, Lacan aplica aquilo que depreendeu corresponder à especificidade da interpretação psicanalítica ao próprio texto freudiano, qual seja: ao invés do uso da interpretação analítica como via para se formar um entendimento, digamos, apressado sobre o que se imagina do que se entende acerca do que o “paciente” disse, a interpretação psicanalítica consiste fundamentalmente em “não compreender”, ou melhor, numa “certa **recusa de compreensão**” pela qual “empurramos a porta da **compreensão analítica**.” Por essa razão podemos dizer que Lacan não rejeitaria que lhe atribuíssem a pecha de “apenas um comentador de Freud”, bem como, talvez, a de um “péssimo leitor” do mesmo, pois não o compreendeu “terrivelmente bem”, na medida em que fez dessa incompreensão o esteio de suas formulações, como pudemos demonstrar nas suas referências aos “seus três” em 1954 e 1980.

Considerações Finais

Ao nos deixarmos guiar pelo que Lacan denominou de “método dos comentários” – o qual Lacan assimilou ao que se faz numa análise, ou seja, fundamentalmente “não compreender” –, pudemos perceber que, durante toda a *Conferência de Caracas*, Lacan claramente tem como mote distinguir suas formulações das de Freud: dois legados (heranças) distintos para o campo psicanalítico, algo que, inclusive, só enriqueceria a psicanálise. Vimos que, mesmo após insinuar aproximações saudosas entre ambas abordagens, faz isso com o objetivo de, logo em seguida, rejeitar, peremptoriamente, a de Freud, ao mesmo tempo em que advoga a favor da pertinência da sua. Mas isso não é tudo.

Já que falamos na ênfase num adjetivo específico em relação à versão 1, percebemos que Lacan atribui às elaborações de Freud adjetivações sarcásticas ou jocosas. Um exemplo desse último caso, entre vários outros, é a referência de Lacan, feita em comparação a sua topologia, ao esquema que Freud ilustrou pictoriamente em *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011). Lacan se refere a esse esquema como se ele fosse algo ingênuo ou tolo, nomeando-o, jocosamente, de “saco flácido” ou “saco mole” [*sac flasque*]. Também o chama de “saco de bolas” [*sac de bille*], do qual as pulsões seriam expulsas pelos orifícios do corpo, uma a uma, após terem sido engolidas.

Ademais, é-nos sugerido por Lacan qualificativos dúbios acerca das formulações de Freud, qualificativos esses em relação aos quais se têm dúvidas, apenas num primeiro momento, se Lacan as está elogiando ou maldizendo. O melhor exemplo dessa dubiedade é a respeito da pulsão de morte, em que Lacan, ao dizer que essa é uma ideia genial de Freud, complementa, em seguida, que isso quer dizer que é uma ideia absurda [*grotesque*] e delirante.

Logo, depois de todas essas qualificações sarcásticas atribuídas às formulações de Freud por Lacan, é-nos bastante sugestivo que esses equívocos de transcrição se situem exatamente nesse trecho que trouxemos relativo à ênfase no adjetivo “freudiano”. Pois, esses equívocos não fazem outra coisa que denegarem aquilo mesmo que é afirmado no desenrolar da conferência através dos adjetivos pejorativos que Lacan atribui às formulações freudianas. É desta forma que esses “erros” mais nos

mostram do que nos escondem: é pelo aparente *nonsense* (incompreensão) que se produz que nos faz perceber, mais claramente ou de maneira mais acurada, aquilo que está sendo denegado quanto ao que está em questão no texto como um todo. Isto é, a oposição de Lacan a Freud ao que foi trazido aqui relativo à segunda tópica freudiana, herança deste que aquele não compartilha. Não obstante, isso nem os opõe totalmente, como também, tampouco os faz “as duas metades da laranja”.

Assim sendo, mesmo que tivesse dito aos ali presentes “Sejam vocês lacanianos, se querem”, a sequência dessa conferência permitiria concluir tranquilamente que Lacan lhes estaria dando, na verdade, a opção de escolherem entre dois projetos ou legados marcadamente distintos (Eidelsztein, 2020). Ou seja, o legado de Freud – que, segundo Lacan, poderíamos chamar de genialmente absurdo (ou bizarramente genial?) – e o seu, o de Lacan, esse último produzido no interior de um debate com o primeiro. Como vimos, é em virtude desse debate que Lacan sustenta com Freud de onde deriva o “Eu sou freudiano” por ele pronunciado, sem que possamos fazer das formulações de ambos, ao fim e ao cabo, “almas gêmeas”, mesmo que, ao escutarmos Lacan, pudéssemos pensar, acertadamente: “Vejam, Lacan mantém o adjetivo freudiano no seu novo projeto e, ainda por cima, afirmou na sequência que é freudiano!”

Em outros termos, se levamos em conta o texto como um todo e mesmo que Lacan tivesse dito “Como veem, eu mantenho esse adjetivo. Sejam vocês lacanianos, se querem. Eu sou freudiano”, Lacan não estaria desaconselhando que os presentes na plateia se intitulassem “lacanianos”, supostamente porque o próprio Lacan era freudiano – como se ele tivesse a escolha de ser “lacaniano”. Pelo contrário. Ao advogar em nome próprio durante toda essa conferência em razão de suas formulações e em detrimento das de Freud, Lacan não faz outra coisa que se colocar como uma alternativa a Freud sobre em qual desses legados se orientar na *práxis* psicanalítica, apontando para o que se poderia nomear de uma psicanálise lacaniana, porque distinta de uma freudiana nesses aspectos levantados.

Reproduzimos, ao fim, uma passagem do *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* de Lacan do ano de 1954 – portanto, mais de 25 (vinte cinco) anos antes da *Conferência de Caracas* – com a finalidade de indicar, em primeiro lugar, a fidelidade de Lacan a um projeto de revisão dos trabalhos de Freud guiado pelo que ele mesmo denominou de “método dos comentários”. Razão pela qual, a nosso ver, a atribuição a Lacan da alcunha de “apenas um comentador de Freud” não seria desprestigiante e quem sabe por ele mesmo aprovada; bem como sequer a pecha de ser um “péssimo leitor” de Freud, por não o ter compreendido sob a matriz conceitual sobre a qual Freud assentou os conceitos psicanalíticos, de forma que essa “não compreensão” permitiu a Lacan chegar à formulação dos “seus três”. Portanto, nesse sentido, ser apenas um comentador, com base no “método dos comentários”, ao contrário de conferir um estatuto não autoral as suas formulações, situa-las onde Lacan se deparou com os limites das elaborações freudianas.

Notas:

1. Fala do Prof. Joel Birman durante a disciplina de História da Psicanálise no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 2020.
2. Utilizaremos, majoritariamente, a versão francesa disponibilizada pelo site *Staferla* da *Conferência de Caracas* como referência principal para a escrita deste trabalho.
3. As citações diretas empregadas no decorrer deste artigo foram traduzidas do francês para o português sob responsabilidade do autor deste trabalho com revisão de Sérgio Salvia Coelho.
4. Étienne-Jules Marey (Beaune, 5 de março de 1830 – Paris, 21 de maio de 1904) foi um inventor e cronofotógrafo de diagrama francês. A indicação de Lacan, sugere referir-se ao fuzil cronofotográfico: construído em 1882, este instrumento era capaz de produzir 12 frames consecutivos por segundo e o fato mais interessante é que todos os frames ficam registrados na mesma imagem, usando estas imagens ele estudou cavalos, pássaros, cães, ovelhas, asnos, elefantes, peixes, criaturas microscópicas, moluscos, insetos, répteis, etc.
5. A respeito dessa passagem, utilizou-se a versão em espanhol da *Conferência de Caracas* de Ricardo E. Rodríguez Ponte, empregada neste trabalho como apoio, pois essa parte está omitida na versão disponível no site *Staferla*.
6. No áudio atribuído a Lacan nessa ocasião, de fato, consta uma referência de Lacan a essa ideia, bem como, a presença desse trecho.

Reproduzimos, ao fim, uma passagem do *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* de Lacan do ano de 1954 – portanto, mais de 25 (vinte cinco) anos antes da *Conferência de Caracas* – com a finalidade de indicar, em primeiro lugar, a fidelidade de Lacan a um projeto de revisão dos trabalhos de Freud guiado pelo que ele mesmo denominou de “método dos comentários”. Razão pela qual, a nosso ver, a atribuição a Lacan da alcunha de “apenas um comentador de Freud” não seria desprestigiante e quem sabe por ele mesmo aprovada; bem como sequer a pecha de ser um “péssimo leitor” de Freud, por não o ter compreendido sob a matriz conceitual sobre a qual Freud assentou os conceitos psicanalíticos, de forma que essa “não compreensão” permitiu a Lacan chegar à formulação dos “seus três”. Portanto, nesse sentido, ser apenas um comentador, com base no “método dos comentários”, ao contrário de conferir um estatuto não autoral as suas formulações, situa-las onde Lacan se deparou com os limites das elaborações freudianas.

Referências Bibliográficas

- Eidelsztein, A. (2020). *Seminário "Desambiguar Freud de Lacan": Classe 1*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=z94PI11DJNg>
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In *Obras Completas: O Eu e o Id "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 09-64). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho

original publicado em 1923).

Goldenberg, R. (2019). *Desler Lacan* (2ª ed.). São Paulo: Instituto Langage.

Hernández, J. (Ago/ano 13/nº16 de 2020). El freudismo de Lacan: de Caracas 1980 a la actualidad. *El Rey está desnudo: revista para el psicoanálisis por venir*, 13(16), 111-130. Recuperado de <http://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2020/08/9.-El-freudismo-de-Lacan-de-Caracas-1980-a-la-actualidad-Jeh%C3%BA-Hern%C3%A1ndez.pdf>

Lacan, J. (1979-1980). Caracas. In *Séminaire 27: Dissolution* (pp. 22-25). Paris: Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S27/S27%20Dissolution.pdf>

Lacan, J. (1980a). *Reunión de inauguración de la reunión*. (R. R. Ponte, Trad.) Recuperado de www.lacanterafreudiana.com.ar

Lacan, J. (1980b). *Caracas*. [Gravação digital]. Recuperado de http://www.valas.fr/IMG/mp3/1980-07-12_Dissolution_Ouverture_Caracas.mp3

Lacan, J. (2009). *O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)

Zafiroopoulos, M. (2002). *Lacan y las Ciencias Sociales: La Declinación del Padre (1938-1953)* (H. Pons, Trad.). Buenos Aires: Nueva Visión.

Zafiroopoulos, M. (2018). *Lacan e Lévis-Strauss ou o retorno a Freud (1951-1957)* (C. Marques, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Citação/Citation: Rodrigues, J. A. (mai. 2021 a out. 2021). O “estranho” freudismo autodeclarado de Lacan em Caracas: Lacan, apenas um comentador de Freud. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(32), 64-77. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v16n32p64-77

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 12/04/2021 / 04/12/2021.

Aceito/Accepted: 28/04/2021 / 04/28/2021.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.